



Rômulo B. Rodrigues

**OS
ENSINAMENTOS
DE SIDDARTHA
GAUTAMA, O
BUDA**

Rômulo B. Rodrigues

**OS ENSINAMENTOS DE SIDDARTHA
GAUTAMA, O BUDA**

1ª edição

São Paulo

2014

Copyright Rômulo Borges Rodrigues

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico sem a permissão por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) - 2014

OS ENSINAMENTOS DE SIDDARTHA GAUTAMA, O BUDA

Rômulo B. Rodrigues

Formato: PDF

ISBN 123-00-00259-09-5 (recurso eletrônico)

1. Religião. 2. Espiritualidade. 3. Filosofia de vida. I. Título.

Dedico este trabalho aos filhos Júlio César e João Vítor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe adotiva (In Memoriam), que me orientou e me ensinou a ser o que sou e sei hoje, e ao querido amigo Nílson P. Miranda.



SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Capítulo I – O Nascimento de Siddhartha Gautama.....	12
Capítulo II – O Budismo e suas tradições.....	19
1.As quatro verdades sobre a dor.....	19
2.A senda óctupla.....	21
3.Tradição Theravada.....	23
4.Nova Tradição Kadampa.....	23
5.Tradição Mahayana.....	23
6.Budismo da Terra Pura.....	23
7.Budismo Zen.....	26
8.Budismo Tibetano.....	27
9.Tradição Vajrayana.....	27
10.Tradição Kadampa.....	27
Capítulo III – Por um mundo melhor.....	33
Capítulo IV – Budas.....	33
1.O primeiro Buda (Buda Histórico).....	33
2.O segundo Buda (Buda da Medicina).....	33
3. O Terceiro Buda (Buda da Luz).....	36
Capítulo V – A rota do Budismo.....	37
Capítulo VI – Histórias e lendas.....	40
1.Os marrecos.....	40
2.Evolução.....	40

3.O mito do ovo cósmico.....	40
4.Solidão.....	41
5.A alma livre.....	41
6.Palavra de monge.....	42
7.A vida.....	42
8.O imperador.....	42
Capítulo VII – O Tibet.....	42
Capítulo VIII – O Budismo na China.....	47
Capítulo IX – O Budismo no Japão.....	48
Capítulo X – O Budismo no Brasil.....	48
Capítulo XI – Dalai Lama – A maior autoridade budista.....	53
Palavras de Dalai Lama.....	53
Capítulo XII – O Budismo de Nitiren Daishonin.....	56
Capítulo XIII – O Sutra de Lótus – A lei universal....	61
Capítulo XIV – Palavras de Buda.....	62
Glossário.....	64
Sobre o autor.....	65
Contatos com o autor.....	67

PREFÁCIO

Buda significa iluminado, em sânscrito (antiga língua sagrada da Índia). Buda é um título dado a um mestre budista ou a todos os iluminados que alcançaram a realização espiritual do budismo.

Buda foi Siddharta Gautama, que nasceu por volta de 556 a.C., em Kapilavastu, capital de um pequeno reino próximo ao Himalaia, na atual fronteira do Nepal. De família aristocrata, instruído, ficou chocado com a miséria, a fome e o flagelo dos ascetas, que se mortificavam em jejum rigoroso.

Peregrinou pelo mundo meditando em busca de explicações para o enigma da vida. Estabeleceu as verdades para se chegar à sabedoria. Criou o Budismo, doutrina religiosa, filosófica e espiritual, onde os seguidores aprendem a desapegar-se de tudo o que é transitório. Pregava que "o ódio não termina com o ódio, mas com o amor".

Buda não queria ser conhecido como um deus, para ele não existia intermediários entre um ser superior e as pessoas. Para o mestre, o importante era buscar a pureza da mente, e compreender corretamente o mundo, para alcançar a salvação.

CAPÍTULO I

O NASCIMENTO DE SIDDARTHA GAUTAMA

Um país dividido por pequenas guerras étnicas e dominado pelos arianos, que, para continuar com o poder sobre o povo, dividiram a sociedade em quatro varnas (castas).

As três varnas superiores são de arianos: os brâmanes (sacerdotes), os xátrias (guerreiros) e os váisias (comerciantes, agricultores e artesãos). Abaixo estão os sudras, descendentes do povo conquistado. No fim de todos, sem direito, estão os daísias (escravos).

Mas, com o passar do tempo, todos foram se misturando, e esse conceito de civilização perdeu a força. Porém, quem mais valorizava essa divisão eram os brâmanes, que só enxergavam seus interesses, e diziam que esta divisão nascia da própria “ordem natural do universo.”

Os interesseiros brâmanes criaram até um mito que explicava a origem dos varnas:

“Quando o primeiro homem caiu do céu, os deuses os despedaçaram. De sua boca nasceu os brâmanes, dos braços os xátrias, das coxas os váisias e dos pés os sudras”. (não se falava dos daísias)

Era nessa Índia, que ia acumulando homens espertos, sem escrúpulos, com caçadas, triunfos e mortes.

O egoísmo, a insegurança, a ira num ambiente de insatisfação geral das castas mais pobres.

Nesse país dominado pela sua ganância, ao norte da Índia, em 556 a. C. nasce no clã xátria dos sakia, família Gautama, o menino Siddartha. Seu pai, Sudhodana, governava a terra dos Sakyans, em Kapilavatthu, na fronteira do Nepal. Mayadevi, princesa dos Kolyas, era sua mãe.

Sua biografia, segundo a tradição, conta que sua mãe, a rainha maya, foi visitada em sonhos por um elefante branco que descia do paraíso e ingressava em seu útero. Deste momento ele nasceu, dizendo: “Sou o senhor do mundo.”

Quando apresentado aos sacerdotes, um dos sábios profetizou: “o jovem príncipe, Siddartha Gautama, seria grande entre os grandes. Um

poderoso rei ou um mestre espiritual que ajudaria a humanidade a se libertar de seus sofrimentos, e sua influência benéfica ficará pelos mil milhões de mundos, como um raio de sol...”

Sua infância foi regada ao luxo. A pedido do pai, Siddartha começa a estudar artes marciais, assuntos acadêmicos, artes e a aprender 64 línguas, cada uma com seu próprio alfabeto.

Aos dezesseis anos, casa-se com sua prima, Yassodhara, com quem, treze anos depois, teria um filho, Rahula.

Certo dia, em um passeio, Siddartha tem contato com a realidade e com o sofrimento que nela existe. Passou por um homem enrugado e conheceu a velhice. Passou por um enterro e conheceu a morte. Passou por um homem coberto de chagas e conheceu a doença. Porém, no seu encontro com a pobreza, o jovem príncipe conheceu um monge asteca. E viu que, apesar de sua miséria, o homem possuía um olhar sereno, como se soubesse o grande segredo da vida.

As 29 anos, no nascimento de seu filho, o príncipe teve uma visão e decidiu ir embora. Foi em direção

aos seus pais para comunicar-lhe a decisão: “Desejo me recolher-me a um lugar tranquilo na floresta, onde possa engajar-me em profunda meditação e rapidamente atingir a iluminação.”

Os pais não permitiram a partida e usaram de muitos recursos para impedir que Siddartha abandonasse o palácio: vieram músicos, mulheres, bebidas e todos os prazeres do mundo. Siddartha resistiu e não se interessou por nada.

Em uma noite, Siddartha consegue sair do reino e partir em busca da iluminação.

Vagou pelos vales sagrados em busca de orientação por parte dos pregadores religiosos e dos sábios. Mas o alcance de seus conhecimentos e de suas novas experiências espirituais foi insuficiente para satisfazê-lo.

Durante anos, experimenta o ascetismo (a mendicância voluntária que busca a elevação espiritual), mas não a evolução na busca do Atman (o EU).

Chegou às portas da morte e não se sentiu próximo de seu objetivo.

Desistiu do ascetismo para confiar apenas em sua intuição e na meditação, como meios de conhecer a si mesmo.

Seus discípulos, desapontados, abandonaram-no, julgando que ele tinha escolhido viver na abundância. Entretanto, com firme determinação e fé, na sua pureza e absolutamente só, Siddartha iniciou a busca final.

De pernas cruzadas, sentou-se sob uma árvore, às margens do rio Neranjara, em Gaya, e meditou.

No meio da noite, o chefe dos demônios deste mundo, Mara Devaputra, começou a tentar desconcentrar Siddartha, lançando contra ele os demônios internos de cada ser humano.

Ao sentir que a ilusão e o medo não faria Siddartha desistir de seu objetivo, Mara Devaputra enviou mulheres, flechas, fogo e pedras. Tudo em vão.

Inspirando e expirando, Siddartha se manteve em profundo silêncio. Conseguiu assim, a unificação da mente (samatha) e desenvolveu a meditação interior (vipasana).

Depois desta vitória do mundo, Siddartha, ao amanhecer, então com 35 anos, atingiu a iluminação.

Tendo atingido a iluminação, Siddartha, agora Buda, (“aquele que despertou”) descobre que é possível anular o karma e escapar dos sofrimentos do mundo através do que chamou das Quatro Nobres Verdades e do caminho dos oito Passos.

As Quatro Nobres Verdades são: tudo é dor; que a dor nasce do desejo; que a dor se extingue com a extinção do desejo; e que o fim do desejo é alcançado quando se percorre o Caminho dos Oitos Passos.

Dois meses depois, Buda começou a organizar comunidades de monges para transmitir as revelações e ficou 45 anos ensinando outras pessoas a fazer o mesmo.

Buda morreu por volta de 483 a. C., depois de complicações estomacais que teria sido causado por ingestão de carne de porco.

Uma de suas características marcantes que distingue o Buda de qualquer outro líder religioso, é

que ele é um ser humano. Não é um deus, nem uma encarnação de alguma figura mitológica.

Era um homem único, um iluminado. Alcançou a pureza, a compaixão e a sabedoria sem o auxílio de nenhum mestre, humano ou divino.

Mostrou por sua própria experiência que a iluminação, a libertação e a felicidade estão dentro de cada um.

CAPÍTULO II

O BUDISMO E SUAS TRADIÇÕES

A palavra budismo significa o conjunto dos ensinamentos de Siddartha Gautama.

Buda significa “o desperto.” Então, o Budismo é considerado um conjunto de ensinamentos que afirmam poder levar o indivíduo ao seu despertar definitivo.

Desde o início, o Budismo originado perto de Benares, se espalhou por toda a Índia.

Depois da morte de Siddartha, os discípulos que ele ensinara conservaram seus ensinamentos através da palavra e depois por escrito.

Cerca de um século depois, uma série de diferentes interpretações pessoais tornou variado e complexo o Budismo.

Desde cedo, a fragmentação e a flexibilidade em seitas e escolas independentes foi a tônica dominante na história do Budismo, que nunca teve uma igreja unificada.

Cada país organizou suas comunidades à sua maneira e cultura.

Hoje, o Budismo não é uma religião. Não é uma ação ou conduta indicando crença para agradar um poder divino. Seus exercícios e práticas indicam o reconhecimento por parte do homem de um poder mais alto e invisível que controla seu destino.

O budista não atribui o sofrimento nem a causa do sofrimento a um agente externo, a um poder sobrenatural; mas procura-o na escuridão de seu íntimo.

A causa principal do sofrimento cria e aniquila o mundo.

A vida depende dos desejos e de como resolvê-los.

A constatação dessa verdade, contudo, não é a negação total do prazer e da felicidade.

Buda nunca negou a felicidade da vida quando falou do sofrimento.

Buda trabalhava os aspectos práticos de sua vida, a aplicação do conhecimento à vida, olhando dentro da vida, e não para ela.

No Budismo, a sabedoria é fundamental, pois a purificação vem da sabedoria.

Para os fiéis do Budismo, antes de Siddhartha Gautama, houve outros Budas, e muitos outros reencarnarão até o fim dos dias. Por isso, explica-se as diversidades de imagens de Buda espalhadas por todos os cantos do mundo.

Não são representações ritualísticas de uma pessoa humana em especial, mas são símbolos de uma força espiritual.

Duzentos anos depois da morte de Buda, ainda na Índia o Budismo se dividiu em dois grandes ramos: Mahayana¹ e Hinayana.²

Quatro séculos depois, surge um terceiro movimento, Vajrayana, com base nos Tantras, ensinamentos também atribuídos a Buda.

As quatro verdades sobre a dor

Buda descobriu as quatro verdades sobre a dor. O objetivo dessa idéia é fazer com que os homens vejam a vida com profunda realidade.

O símbolo budista é a Roda do Dharma³ com quatro diâmetros. Estes diâmetros representam as quatro verdades da vida:

1 – A constatação do sofrimento como fator inerente a toda forma de existência (Dukkha).

2 – A segunda verdade está na origem do sofrimento; ou seja, na causa e na ignorância (Samudhaya).

3 – A terceira verdade é a constatação da possibilidade de dominar o sofrimento através da extinção da ignorância. Isto se dá pela compreensão de se entender melhor porque se sofre tanto.

4 – A quarta verdade está no caminho que leva ao domínio do sofrimento. Para eliminarmos essa causa, existe o nobre Caminho Óctuplo (Senda Óctupla).

A Senda Óctupla

1 – Compreensão pura.

2 – Pensamento puro.

3 – Linguagem pura.

4 – Ação pura.